

SUMÁRIO

Prefácio	9
Introdução	11
1. A “santa” obsessão	13
2. Coragem	23
3. Homens de visão	33
4. Agenda: amiga ou inimiga?.....	43
5. Desqualificação.....	55
6. Um tirano a serviço de Deus	71
7. Amizade.....	85
8. Situação perigosa	97
9. Como isso pode acontecer?.....	109
10. Anorexia e bulimia	117
11. O evangelho da prosperidade.....	129
12. O pastor e seu espelho	139
13. Tradicionalismo x tradição	153
14. A supermulher ao seu lado	169
15. Liderança e inflexibilidade.....	183
16. “... E agora, sob os refletores: seus filhos!”	195
17. Ministros da graça.....	211
18. Quando a alma está exausta.....	223
19. Expectativas	233
20. “Muito bem, servo bom e fiel!”	243
Epílogo.....	251



PREFÁCIO

Jaime Kemp percorreu o Brasil de norte a sul com o grupo “Vencedores por Cristo”, fundado por ele em 1968. Com “Vencedores” teve a oportunidade de visitar muitos pastores e se hospedar em seus lares. Viu muitos deles sérios com Deus, desenvolvendo um trabalho digno do nome de Cristo. Viu também outros bem-intencionados, mas que por desconhecimento ou plena desobediência, quebravam princípios bíblicos e estavam recebendo, ou iam receber, dividendos vergonhosos.

Ele viu, de perto, pastores lutando por uma auto-realização e, nesse processo, se esquecendo e negligenciando esposa e filhos. Viu também pastores com suas prioridades invertidas e por isso pagando um alto preço. Viu pastores possuídos de uma atitude dominadora e, por vezes, agindo como verdadeiros déspotas para com suas ovelhas, deixando-as humilhadas e sufocadas. Viu pastores tentados e, até, caindo e deixando atrás de si uma esposa traída e amargurada, filhos desolados e desorientados, afastados do evangelho, uma igreja dividida e totalmente desacreditada. Aliados a isso ficam sempre bairros e cidades com muitas razões para não dar valor algum ao próximo pastor. Sim, Jaime viu isso nos anos idos quando liderava o “Vencedores por Cristo”.

Não fosse isso suficiente para autorizar o autor a escrever este livro, Jaime também já percorreu todo o território brasileiro inúmeras vezes por intermédio do Ministério "Lar Cristão", do qual é diretor. E, além disso, suas viagens a Portugal, África, Estados Unidos e Japão aumentam sua visão global e ampliam o conteúdo não só a nível doméstico.

São muitas, também, as cartas e *e-mails* que ele recebe semanalmente. Algumas cortam o coração, como o leitor verá em mais de um capítulo. São de esposas de pastores gritando por socorro. Naturalmente, seus nomes não são revelados, mas suas histórias têm sido trazidas para alertar aqueles que ainda não caíram, mas caminham perto demais do perigo!

Neste livro, Jaime Kemp levanta vários dos problemas que nós, pastores, enfrentamos e os ilustra a cores, por meio de testemunhos pessoais, histórias bíblicas, citações de cartas ou algo pertinente do mundo secular. Levantando e avaliando o problema, o autor sugere passos simples, lúcidos, diretos e bíblicos em busca da vitória.

Este não é um livro pessimista – é realista. Não é auto-ajuda - é apoio. E certamente poderá ser de benesse a todos os pastores e líderes que o lerem.

Para mim, pessoalmente, este livro é mais um recado divino do Pai, dizendo: "Querido pastor, tome cuidado!".

Ary Velloso

Pastor emérito da Igreja Batista do Morumbi, atual pastor da Congregação de Catuaia e membro da equipe de missionários da Sepal de Londrina, PR.

INTRODUÇÃO

Qualquer pastor ou líder que honestamente quiser ter uma idéia de como anda a igreja evangélica neste novo milênio precisará fazer uma avaliação com base em referenciais e diretrizes bíblicas.

E, se realmente desejar entrar em contato com essa realidade, deverá se dispor a primeiro obter uma cuidadosa visão introspectiva, pois como sabemos, a igreja é o reflexo de seu pastor. Quando uma mudança positiva acontece no rebanho, isso se deve ao fato da filosofia de ministério, e das prioridades pastorais terem sido modificadas.

PASTORES em PERIGO aborda vários fatores estressantes para o pastor, os quais emergem do abismo entre o que a igreja deveria ser e o que realmente é.

Tenho tido o privilégio e a honra de trabalhar ombro a ombro com muitos servos do Senhor. Tenho conversado, rido, chorado, aprendido, compartilhado com eles até que um dia me senti desafiado a escrever especificamente a essa liderança.

Nós, pastores, temos a missão de orientar, equipar e socorrer o rebanho. Temos também muitos “bebês” na fé aguardando alimento. O desafio é enorme! Existem pastores de mangas arregaçadas que estão prontos não só para

“fazer os partos”, mas também para alimentar os que estão crescendo, conduzi-los aos primeiros passos e à vida madura, quando esses mesmos estarão “aptos para a reprodução”. Contudo, são muitos os que têm caído vencidos pelo cansaço e pelo desânimo. Outros ainda estão desistindo do ministério por fracassos morais e familiares, e ainda há os que se cansaram de ser abusados financeiramente por igrejas que não os valorizam concretamente, permitindo que eles e suas famílias cheguem a passar necessidade. Todos esses pontos são perigosos e podem conduzir a algum lugar entre depressão e o abandono de ministério.

Contudo, todos temos diante de nós um chamado, uma convicção, um desafio. E por intermédio deste livro quero conversar com meus colegas e fazer-me presente também. Gostaria de acrescentar que não me coloco na posição de “dono da verdade”, mas venho com temor e tremor diante do Pai, para que juntos possamos nos encorajar e, segundo as palavras de Paulo, trabalhar “(...) com vistas ao aperfeiçoamento dos santos, para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo!” (Efésios 4.12).

Jaime Kemp

Um

A “SANTA” OBSESSÃO

“Os homens cobiçam, mas não sabem o quê; eles caminham, mas perdem a trilha de chegada; eles lutam e competem, mas esquecem o prêmio. Eles espalham a semente, mas se recusam a cuidar do solo nas devidas estações. Eles buscam poder e glória, mas perdem o significado da vida”.

George Gilder

Há um ditado popular que diz: “A confissão é boa para a alma”. Com base nessa frase quero abrir meu coração aos meus caros leitores e demonstrar como é possível, mesmo inconscientemente e sem intenção maldosa, passar por cima de pessoas amadas em nome da realização ministerial e da “expansão do ‘reino’ de Deus”.

Nos primeiros onze anos de nosso ministério no Brasil, eu vivia ávido pelo sucesso no trabalho. Era o início da missão “Vencedores por Cristo”, da qual eu era o idealizador e o diretor. Esse ministério tinha por objetivo treinar jovens líderes das igrejas e conduzi-los em viagens de treinamento pelo Brasil, formando equipes de evangelização e discipulado.

Minha esposa Judith, companheira sempre disposta a apoiar-me, apesar de termos duas filhas ainda pequenas e pouquíssimo dinheiro, tentava acompanhar o meu ritmo frenético.

Com certo remorso, recordo-me hoje de quantas e quantas vezes telefonei para ela de Salvador, Porto Alegre, Rio de Janeiro etc... nas horas mais impróprias possíveis, tipo seis da manhã, meia-noite, meio-dia, três da madrugada, dizendo apressado:

– Judith, sou eu. Tudo bem com vocês aí, querida? Olha, chegaremos a São Paulo a tal hora. Prepare o jantar para dez pessoas ou dê um jeito e arrume sete camas para a turma.

Se ela perguntasse:

– Mas como, Jaime?, ou: E o dinheiro? – a resposta certamente seria:

– Dê um jeito! (Para uma boa entendedora como ela: vire-se!).

E ela sempre dava o melhor de si e muito mais para procurar me ajudar em minhas “loucuras ministeriais”.

Em 1977, porém, Judith caiu em depressão profunda que perdurou um ano e meio. Descobrimos algumas causas físicas, diagnosticadas e tratadas, mas eu, bem lá no fundo do meu coração, apesar dela nunca ter dito absolutamente nada, sinto que a arrastei em um redemoinho de atividades e problemas que excederam sua capacidade de suportar.

Sinceramente, se o tempo retrocedesse, eu teria mais cuidado com minha esposa, mãe de minhas filhas e procuraria também ter menos ativismo ministerial.

Infelizmente, eu não fui o único a cometer tal erro. Por sinal, um dos meus personagens bíblicos favoritos também

se deixou enredar por essa armadilha, meu "grande amigo" Abraão, "pai da fé" e famoso patriarca.

Abraão era, sem dúvida, um grande homem de Deus. Espiritualmente sensível, atendeu e obedeceu prontamente à voz do Senhor (Gênesis 12.4). Apesar de ser muito rico, ter muito gado, prata e ouro, era financeiramente responsável e viajava sempre até o Egito por precaução, para reabastecer-se (Gênesis 12.10 e 13.2). Pessoalmente generoso, procurava ajudar e solucionar problemas de seu povo (Gênesis 13.5-9). Era protetor de sua família. Lutou por seu sobrinho Ló, libertando-o quando este foi levado cativo (Gênesis 14.12-17).

No entanto, apesar de tão ponderado e equilibrado, em uma de suas viagens de negócios ao Egito, esse homem teve uma idéia e decidiu agir de uma maneira nada louvável.

Imaginemos a cena... Era tarde da noite. Depois de um longo e cansativo dia de viagem, já na fronteira do Egito, Abraão, sem conseguir dormir, vira-se de um lado para o outro em sua esteira, na tenda onde também estava sua mulher Sara. Ela acorda e pergunta ainda sonolenta:

– Abraão, o que está havendo? Você está passando mal? É o estômago, não é? Comeu guisado demais. Bem que eu avisei...

– Não, não é isso, querida. É que eu estou muito preocupado.

– Com o quê?

– Sabe o que é, Sara... Apesar de você ser uma senhora de 65 anos, ainda é muito bonita. Fico pensando no pessoal do Egito, no rei e nos nobres. Quando eles a virem ficarão deslumbrados e poderão querer me matar para ficar com você.

- Nossa, Abraão! Não diga uma coisa dessas!

- Mas é verdade!

- Então... O que vamos fazer?

- Olha, como eu não conseguia dormir, pensei, pensei e tive uma idéia. Acho que pode dar certo. Se você disser que é minha irmã, certamente eles me deixarão em paz. Talvez queiram até me dar presentes e eu ficarei ainda mais rico. Sem falar que se pensarem que sou seu irmão não me matarão por sua causa.

- Mas, Abraão...

- Sara, você não é mesmo minha meia-irmã? Então, não será totalmente mentira. Por favor, Sara!?...

E foi o que aconteceu. Quando chegaram diante de Faraó, tudo transcorreu como Abraão previra. Em sua avidez por mais riquezas e proteção, o grande herói da fé esqueceu-se dos valores divinos e precipitou sua esposa por uma estrada perigosa.

Voltemos, então, nosso pensamento a Sara, enquanto as mulheres a preparavam para dormir com o rei. Imaginem como seu coração devia estar triste, aflito e amargurado.

- Abraão, o grande líder! – pensava ela. Que belo mentiroso e ambicioso você é!

Pastores, tentem lembrar-se das situações difíceis, constrangedoras, deprimentes, sacrificiais e exaustivas às quais suas esposas precisaram suportar pelo simples fato de vocês desejarem sucesso no ministério. Talvez você esteja pensando: “Mas o que é isso? Será que auto-realização e ambição são assim tão perniciosas, mesmo no âmbito ministerial?”

Também tenho me questionado sobre isso diante de meu próprio desejo de realização. Para ampliar um pouco essa discussão, vou utilizar o exemplo de uma das mais belas

histórias contadas pelo cinema e vencedora do Oscar de melhor filme daquele ano (se não me engano 1982): Carruagens de Fogo (*Chariots of Fire*). O filme é baseado em fatos e conta a saga de dois homens que lutaram tenazmente para ganhar a medalha de ouro nas Olimpíadas de 1924 – Harold Abrahams e Eric Liddell. A diferença entre ambos era evidente. Abraham treinava intensamente visando sua própria glória, enquanto Liddell tinha seu objetivo voltado à glória de Deus.

A irmã de Eric, Jennie, interpretou erroneamente o forte desejo de seu irmão em vencer a prova e o pressionou para voltar ao campo missionário na China, onde ambos haviam nascido e onde seus pais ainda viviam.

Um dia, Jennie estava triste porque seu irmão faltara a uma reunião da missão para treinar. Então, Eric decidiu que ambos precisavam conversar. Liddell levou sua irmã até um lugar maravilhoso de onde se avistavam todas as planícies da Escócia, segurou-a firmemente e disse:

- Jennie, Jennie, você tem que entender! Creio que Deus deseja que eu retorne à China e sirva ali como missionário. Contudo, Ele me deu capacidade para correr. Sou muito veloz, e quando corro sinto muita alegria e também percebo que Deus sente prazer com o que estou fazendo!

Contrastando com essa bela cena, a poucos instantes do início da prova final, Abrahams está no vestiário sendo preparado pelo treinador. Amargamente, então, confessa a seu melhor amigo também presente:

- Tenho vinte e quatro anos e nunca senti nenhuma espécie de realização. Estou sempre em busca de algo que nem mesmo eu sei o que é.

Caríssimo colega e leitor, qual é a sua ambição? É ser pastor da maior igreja do Brasil ou o melhor pregador que

este país já conheceu? Escrever um ou vários livros que se tornem *best-sellers*; ou ainda, quem sabe, ser tão usado por Deus na evangelização quanto Billy Graham? Creio que todas essas ambições não são totalmente erradas. Deus quer nos dar dignidade, propósito e alegria na realização de nossa carreira. Contudo, o segredo da satisfação e do contentamento naquilo que fazemos não é necessariamente obter o que desejamos, mas redefinir o alvo primordial que é agradar a Deus. Nosso objetivo deve ser semelhante ao de Liddell, que pensou no Senhor, e não ao de Abrahams que só queria satisfação pessoal.

Preocupo-me com o que está ocorrendo à liderança evangélica brasileira e às suas famílias. Creio seguramente que posso afirmar que 50% dos pastores têm sérias dificuldades em seus relacionamentos familiares.

Existem inúmeras razões para esta porcentagem ser tão significativa. A meu ver, uma das principais é a “santa” obsessão egoísta pela realização. Pastores têm “casos” com seus ministérios e a família sofre a consequência dessa “traição”.

É muito fácil “jogar gasolina” no fogo da fantasia quando você está em seu gabinete pastoral, fugindo assim, da realidade familiar, entregando-se à sua “amante”: o sucesso ministerial.

Ao mesmo tempo em que sua igreja cresce, as pessoas o consideram maravilhoso, eficiente. Que chance para sua fantasia sentir-se acariciada e incentivada! Torna-se tremendamente difícil encarar o ministério como um feroz adversário de sua esposa na luta por sua atenção e seu tempo.

Mas pastor, afinal de contas, o que é na verdade o adúltero? Não é a quebra dos votos do casamento e uma entrega à outra?

Talvez você tenha preparado cuidadosamente um mecanismo de justificativa bastante eficaz para acalmar sua mente quando sobrevêm pensamentos desagradáveis.

Quem sabe seja mais ou menos assim:

- Quando nos casamos, minha esposa sabia que eu seria pastor. Todo esse trabalho faz parte do "contrato". Estou realizando a obra de Deus e é de suma importância que eu me entregue completamente a ela.

- Ao casar comigo, Deus designou minha esposa para ser minha ajudadora. Ela, então, deve cumprir seu papel.

Contudo, mesmo com todas as tentativas para se justificar, a realidade é que você é responsável pelas atitudes negativas de sua esposa. Esse é um fato imutável, pois além de ser seu marido, você é também seu pastor.

Ironicamente, muitos pastores afirmam serem leais às promessas de seu casamento enquanto buscam realizar ambições que minam e destroem seus lares. E tudo é feito em nome do ministério!

Amigo pastor, amo minha esposa, minha companheira há 40 anos, e também amo muito minhas três filhas. Acredito em meu profundo compromisso de amor para com elas. Mas sou tentado a ter "amantes": os seminários que dou por todo Brasil, os livros ainda a serem escritos, os programas de rádio etc...

Há uma gratificação pessoal instantânea e um enlevo divino em ajudar pessoas necessitadas. Nunca é fácil dizer NÃO!

Hoje, logo cedo, estava lendo João 15.5: *"Eu sou a videira verdadeira e meu Pai é o agricultor. Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta; e todo o que dá fruto, limpa, para que produza mais fruto ainda. Vós já estais limpos pela palavra*

que vos tenho falado; permaneci em mim e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira; assim nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira verdadeira, vós os ramos. Quem permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto, porque sem mim, nada podeis fazer”.

Deus tocou-me novamente através das palavras de Jesus: **“Sem mim, nada podeis fazer”**. A segurança interior, a auto-realização, a identidade pessoal não podem ser alcançadas pelo esforço próprio de uma pessoa naquilo que ela realiza. A identidade de um ser humano está intimamente ligada à Videira Verdadeira. É necessário lembrar constantemente que sem Ele, nada podemos fazer.

Três estupendos fatos bíblicos nos oferecem direção e encorajamento:

1. Sou aceito, amado incondicionalmente e valorizado por meu Pai celestial – Essa verdade me liberta do jugo de ter de convencer os outros de meu valor, por meio do sucesso de minhas realizações.

2. O perdão opera em minha vida agora e futuramente – 1 João 1.8-9. Não preciso viver escorado em ações e atividades bem-sucedidas e nem tentar disfarçar minhas fraquezas e incapacidades. Desse modo, sou livre para admitir meus erros e falhas.

3. Como ministro do evangelho, tenho um santo e sagrado chamado de Deus – Aquilo que realizo não tem apenas valor temporal ou superficial, mas eterno. Sou livre para ser um servo; levar Deus mais a sério do que levo a mim mesmo, para ser compassivo, para agir corretamente em meu espaço e, especialmente, sou livre para permitir que o poder de Deus flua por intermédio de minha vida, como

a vida flui da videira para os ramos. Todos esses privilégios me levam a orar e a dizer:

Senhor Jesus,

Tu me fizeste forte, cheio de energia, com dons espirituais, capacidades naturais e da mesma forma como Eric Liddell dizia – "sinto que Deus sente prazer quando eu corro", gostaria de dizer:

– Pai, quando ensino, quando escrevo, quando sinto o teu prazer.

Mas Senhor, confesso que é muito fácil tornar-me um ativista, esquecendo meu relacionamento com minha esposa e com minhas filhas. Por favor, Deus, ajude-me a compreender quando devo dizer NÃO!

Guarda-me perto de ti para que eu encontre meu significado, minha identidade e minha realização na Tua presença e no Teu poder.

Em nome de Jesus,

Amém!